

JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre	500 réis
Com estampilha	600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio avulso	20 »

DIRECTOR E PROPRIETARIO

AUGUSTO DA COSTA E PINHO

Redacção e administração — LARGO DA PRAÇA — Ovar

Impressão e composição — **TYPOGRAPHIA PENINSULAR**

Rua de S. Chrispim, 18 a 28 — PORTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal.	60 rs. cada linha
Annuncios e communicados	50 »
Repetições	25 »
Annuncios permanentes, contracto especial	
25 p c. de abatimento aos snrs. assignantes	

A nossa diplomacia

I

Miseravel tem sido a nossa diplomacia principalmente em relação á Inglaterra—para tornar bem saliente esta verdade não preciso de mais além do que se passou entre o ministro Barros Gomes e Lord Salisbury desde 1887 a 1890.

Em 3 de Agosto de 1887 o chanceler inglez, invocando a Conferencia de Berlim, protesta contra os tratados de Portugal com a França e a Allemanha.

A 13 o sr. Bunsen apresenta o protesto, e o sr. Gomes responde, que as decisões da Conferencia se limitam á costa africana.

A 23 o sr. Dantas, nosso enviado em Londres, pede uma explicação das frases do ministro Fergusson, d'onde se induz não reconhecer os nossos direitos no Chire e em Nyassa, e Salisbury confirma as declarações do seu collega.

A 24 de Maio e sr. Barros Gomes manifesta ao embaixador inglez a sua irritação contra o sr. Serpa Pinto, que no parlamento e sobre o mesmo assumpto lhe dirigiu algumas perguntas, as quaes taxou de indiscretas.

Esta irritação do sr. Barros Gomes em face do representante da Inglaterra não a deixem sem nota os que me lezem!

Em 24 de Julho o chanceler notifica ao nosso ministro o tratado com os Matabeles, pelo qual estes se collocam sob a tutela ingleza.

A 13 d'Agosto de 87, a 23 de Maio de 28, a 25 de Junho, a 9 de Julho, a 30 de Agosto, a 8 de Setembro, a 9 e a 30 de Outubro insiste o lord em não reconhecer o dominio portuguez na zona de Nyassa.

A 8 de Janeiro, a 26 de Junho, a 2 de Agosto, e a 21 de Novembro de 89 repete a mesma negativa.

A 30 de Maio de 88 começou o lord a pedir-nos a passagem de armamentos para as missões inglezas d'aquella região, já indisposta comnosco por culpa do sr. Barros Gomes, como diremos.

O governo recusou, *mas cedeu* em 4 de Julho.

A 17 de Agosto o lord pedenos a passagem de *canhões*, cujo emprego em direito publico só compete á soberania.

O governo recusa—mas a *finalmente* consente em 20 de Outubro, depois de ouvir as frases mais inconvenientes e desagradaveis ao embaixador inglez, que lhe diz estar em perigo as boas relações da Inglaterra com Portugal.

Dez dias depois o sr. Barros Gomes uma negociação sobre limites.

Em 5 de Janeiro de 89 Salisbury queixa-se da expedição Serpa Pinto no momento em que se negociava sobre limites—e avisa o nosso embaixador de que as boas relações não podiam resistir por muito tempo.

As camaras portuguezas nada sabiam de tudo isto!

Nesse mesmo dia, 5 de Janeiro, o sr. Barros Gomes dá passagem a mais uma metralhadora

ingleza, e sede ao sr. Petre o obsequio de dizer do lord que essa concessão revela um sincero desejo de se mostrar agradável.

Depois de tantas asperezas e ameaças, este sincero desejo, que eu e os leitores condemnamos, de qualquer modo que se encare, foi animar as reclamações injustas, e denunciou não haver no nosso governo nem habilidade, nem hombridade para a resistencia.

Em 29 de Fevereiro de 89 o sr. Barros Gomes quiz renovar a negociação sobre limites, o lord responde-lhe, que em vista de ter recorrido ás armas não pode continuar-as; devia o sr. Barros prever a resposta e evital-a. O acto de força confiada em segredo ao sr. Serpa Pinto não era mais do que um expediente jesuitico descabido nas circunstancias, em que estava o nosso ministro.

O embaixador inglez falla ao sr. Gomes como a um subordinado, duma vez exprime-lhe o seu *pesar e surpresa* em ver que hezita em conceder a passagem das armas—d'outra vez conserva-o e diz-lhe, «a questão não foi bem tratada».

E não foi, é certo. D'outra vez, a proposito de um telegramma recommenda-lhe *pouca demora* em expedir-o para Moçambique o sr. Gomes levanta-se, vai escrever o telegramma, e vem mostrar o ao ministro inglez para o certificar de que obedeceu.

E' o cumulo da baixaza. Nunca, nem quando o lord e o seu enviado lhe declaram em perigo as relações entre os dois governos, se lembrou o sr. Barros Gomes do Artigo 12 do Acto de Berlim, que serve exactamente para evitar o rompimento entre duas nações por motivos referentes ás colonias africanas.

Quando as outras potencias estavam tão bem dispostas em nosso favor, como depois se viu—e o nosso governo devia sabel-o.

Quando podia allegar uma *occupação effectiva*, e já antiga, exercida pelo capitão mór Manoel Antonio de Sousa nas zonas questionadas, e muitos factos, que se indicavam, com outras, que significam o reconhecimento dos nossos direitos pela propria Inglaterra—como por exemplo o ter agradecido a protecção, que as *autoridades* portuguezas deviam aos viajantes britannicos, entre outros a Lewingstone—etc.

Em 9 de janeiro de 1900 apparece o *ultimatum*, onde lord Salisbury exige, «que se retirem as auctoridades e as forças do paiz dos Makololos e se removam as estações militares dos Matabeles e da Machona»—.

A esta audacia, a este inaudito vexame, responde o sr. Barros Gomes—.

Meu caro sr. Petre

As ordens mais precisas no sentido desejado foram enviadas hoje para Moçambique—

Meu caro Petre!!

Ordens sem protesto equivalentes a um reconhecimento do direito á exigencia!!

E as ordens mais precisas!!

Em 13 d'Agosto de 87 affirmava o lord ao sr. Barros a necessidade da occupação effectiva como base do dominio—.

Contesta-lhe o ministro progressista «que o direito publico não auctorisa essa doutrina emquanto ao interior d'Africa, e que o tratado de Berlim *cautelosamente* o restringe ás regiões Costeiras»—.

Se no direito publico não ha disposição affirmativa e expressa d'aquella necessidade, tambem não ha uma outra, que se lhe opponha—.

A Conferencia não a restringe—Depois de applical-a ao littoral, permite a cada um dos Estados Conferentes o estender o seu dominio para o interior desde os pontos que estiverem occupados.

Mas aqui em nada se restringe a doutrina, que o sr. Barros Gomes não accieita como applicavel aos sertões africanos—.

Ao sul e ao norte do Zambeze, de Tete a Zumbo, se o nosso poder não estava completamente organizado, tinhamos uma occupação effectiva e armada, o que bastava para affirmar o nosso dominio.

E se os pontos questionados na margem do Chire não se acham dentro dos limites d'ella, estão pelo menos na chamada esphera d'influencia, que a Inglaterra dizia reconhecer-nos assim como pretende para si-mesma.

O sr. Barros Gomes nada oppoz com intelligencia e firmeza, nada allegou perante os outros governos da Europa.

E se os nossos direitos não eram bons e decisivos, os da Inglaterra não eram bons, não podia re-

clamal-os, e muito menos com a violencia de que usou.

Antes d'isso o sr. Barros allia-se com os Allemaes sem condições determinadas e valiosas, e com isso provoca os inglezes ciosos d'essas intelligencias sem o resultado apreciavel.

Pelo bloqueio de Moçambique irrita os chefes indigenas da região dos Lagos, que se viraram contra nós, e sem nada fazer que resistisse ás pretensões da Inglaterra, concedeu o mais que podia em favor d'ellas, a passagem e o emprego de canhões, declarando submisso e com singela magoa, que essa concessão «equivalia á renuncia dos nossos direitos»—.

Em vez de uma declaração tão inepta devida sómente annuir ao pedido com a clausula, que d'esse acto não derivasse direito, nem presumpção de direito contra o nosso antigo dominio.

Desde 87 até 90—houve tempo e de mais para invocar a intervenção diplomatica dos governos extranhos, que tanto se manifestaram por nós juntamente com toda a imprensa europeia—vantagens excepcionaes de que o sr. Barros Gomes se não aproveitou—e o mais condemnavel foi o segredo guardado sobre tão nefasta pendencia com o fim de esconder os apuros do governo.

Aculatem-se o ministro e a sua diplomacia por essa curiosa serie d'erros e de imprudencias e digam se o sr. Barros n'outro paiz voltaria a ser ministro dos negocios estrangeiros!—Pois voltou.

Lourenço d'Almeida e Medeiros

Outras cartas ao sr. Theophilo Braga

SOBRE O

“Firmamento,, e o “Noivado do Sepulchro,,

VIII

De todo o artigo anterior se vê, que onde o sr. Passos nos conta os seus lamentos d'uma dor convencional, ou de arremedo, deixa patente a escassez da sua imaginação, as elegias são curtas, os versos frouxos, desligados, e onde as rimas alludem a factos sabidos e vulgares como as valentias dos nossos herois, os versos são mais sonoros, mais abundantes, com certa pompa ou entono, e são muitos os d'este genero.

Até do *Bussaco*, cuja idéa principal era a evolução da *Terra* rematando em bellas e grandiosas *paysagens* como a que se avista do alto d'aquelle monte, assombrada com a triste lembrança da batalha que a salpicou de sangue, e do *Monumento d'Aljubarota*, que sem se referir á guerra da independencia devia ser a expressão da arte christan, que fez o sr. Passos?

Duas Odes heroicas! D'aqui se conclue em boa critica, que se nas poesias que reclamo ha alguma invenção, alguma

originalidade por pouca que seja, é que foram plagiadas—se n'estas os versos são ligados nas ideas e nas frases, com sufficiente harmonia, é porque os ouviu e memoriou, ou copiou.

Note-se ainda que a forma no sr. Passos é narrativa e nos versos, que estão accusando uma inspiração alheia, o seu verdadeiro auctor medita ao passo que compõe.

O sr. Passos, nem mesmo rimando o que me ouviu, soube dar esse tom ás suas estancias, ainda que os assumptos o tornassem quasi inevitavel—sendo preciso ainda attender-se ao seu valor e á sua natureza—Que differença nos escolhidos pela musa do illustre plagiario!

Na *Visão do Resgate*, cuja idéa não era o *resgate mystico*, mas o pressentimento da humanidade sobre a sua futura regeneração, a esperança no seu progresso, eu imitei a estilo de *Lamennais* nas 4 primeiras estancias; o sr. Passos nas seguintes re-

produziu e menos mal, o pensamento das primeiras, e nas restantes d'outro metro, monotonas, dissaboridas, e interminaveis, onde os anjos bons e maus d'armaduras lusentes combatem, não sei se nas nuvens, volta ao seu estro proprio, que não tem azas para elevar-se.

Fazem excepção os *Anhelos*—pela razão que já disse—são traducções de Lamartine.

Mas o que deu logar a um tamanho rol de plagios? Vou repetir-o.

Quando em 1853 acabei o *Firmamento* e o *Noivado* e me persuadi de ser capaz de compor outras poesias que formassem um volume, comecei a idear temas, no meu conceito impressivos, e de varia especie, e ora para o começo, ora para o fim, escrevi alguns versos que servissem de pontos de mira, e afim de terem uma unidade que creio indispensavel.

Foi por isso que na já citada noite de Coimbra fallando com Soares de Passos e Silva Ferraz na regeneração do lyrismo portuguez, lhes communiquei tudo o que em poesia tinha feito e pensado.

(Continua.)

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

Sobre os Oraculos

I

Depois que a seita dos phariseus, entre o povo judaico, travou conhecimento com o demonio, alguns criticos d'entre elles começaram a acreditar que este demonio e seus collegas eram os que inspiravam os padres de todas as nações e as estatuas que proferiam os oraculos.

Os Saduceos não acreditavam em oraculos, nem admittiam anjos, nem demonios: Pareciam mais philosophos que os phariseus, e por consequencia incapazes de influirem no seu povo.

O diabo era quem fazia tudo, segundo a crença dos judeus no tempo de Gamaliel, de S. João Baptista, Jaques Oblia e de Jesus: até chegou a transportar o nosso Salvador ora para um deserto, ora para o mais alto d'uma torre, ora para uma collina d'onde descortinasse todos os reinos do mundo; o demonio mettia-se no corpo d'homens, de mulheres, d'animaes.

Os christãos, posto que inimigos fígadaes dos phariseus adotaram o que estes inventaram acerca do demonio; bem como os judeus n'outro tempo imitaram os costumes e cerimoniaes dos egypcios.

Não tardou a apparecer quem attribuisse ao diabo todas as religiões que se espalharam pela terra, todos os imaginarios prodigios, os grandes acontecimentos, os cometas, a peste, as escrophulas, etc, etc.

Este pobre demonio, que se dizia assado n'uma caverna debaixo da terra, ficou estupefacto ao ver-se d'este modo com tanto poderio, tão senhor do mundo. O seu poder

foi augmentando maravilhosamente com as instituições fradescas.

A divisa d'estes novos recen-aparecidos era: dae-me dinheiro, e eu vos livrarei do demonio.

O poderio dos frades recebeu finalmente um fundo golpe da mão do seu feliado Lutherio, indisposto com elles por uma insignificancia, descobriu todos os mysterios da comunidade. Hondorf, testemunha ocular, refere-nos que, tendo os reformados expulso os frades d'um convento de Eisenach, em Turinge, ali se encontrou uma estatua da Virgem Maria e de seu filho Jesus, feita com tal arte que, ao pousarem-se as oferendas no altar, a Virgem e seu Filho baixavam a cabeça em signal de reconhecimento, e voltavam as costas a quem nada offercia.

Muito peor ainda aconteceu em Inglaterra: quando, por mandato de Henriques VIII, se visitaram juridicamente todos os conventos, metade das religiosas estavam gravidas, e provavelmente não era obra do diabo. O bispo Bwnet contava que, em cento e quarenta e quatro conventos, os processos verbaes dos commissarios do rei atestaram abominações revoltantes.

Sendo por fim, estes soberbos asylos de fanatismo suprimidos, por determinação do parlamento, juntaram-se na praça publica todos os instrumentos de suas fraudes piedosas; o famoso crucifixo, de Bokfley, que se movia e andava qual uma marionete; frasquinhos cheios d'um liquido vermelho, que passava por sangue, e se derramava algumas vezes nas estatuas dos santos, quando estavam descontentes com a corte, por não verem attendidas as suas reclamações; fôrmas de folha de Flandres, onde mettiã, com todo o recato e continuamente lampadas accesas, para convencerem o povo de que o fogo d'estas nunca se extinguia; sarabatonas, por onde as vozes dos celicolas se faziam ouvir das devotas, que pagavam para obterem este invejavel privilegio; emfim, tudo o que dolo jámais inventon para atrair a imbecilidade.

Então, muitos sabios da Europa, convictos de que os frades, e não os demonios, foram quem inventou estes piedosos estratagemas, começaram d'ahi a inferir que o mesmo se dêra com as antigas religiões; que todos os oráculos e milagres tão encarecidos na antiguidade, não eram senão habilidades de charlatães; que o

demonio, nunca em coisa alguma se tinha mettido, mas tão somente os padres gregos, romanos, serien-ses e egypcios, esses é que tinham sido mais habeis ainda que os frades.

O diabo viu pois decrescer muito a sua importancia, até que por fim appareceu um livro de Beker, onde com muitissimos argumentos prova que elle nunca existiu; mas Beker foi castigado, por negar a existencia de Belzebuth.

(Continua)

C. M.

Erratas do n.º precedentes, no artigo intitulado o Beneficio da Sciencia.

Onde se lê, o juiz, que a antiga lei não saber ler, dirige-se ao suponha também capelão do presidio; queira ler-se, o juiz, que antiga lei também suppunha não saber ler, dirige-se ao capelão do presidio, etc.

Amigos e Patricios:

Sant'Anna e S. Thomé; 18.

O meu silencio não foi motivado pela minha retirada a qualquer logar solitario, para, a semilhança d'outro Ovidio, chorar as desgraças da nossa querida Patria. E' certo que o tempo não vae de molde a outra coisa, se considerarmos bem no nosso passado e no presente, mas, julgo mais conveniente que as suas desgraças sejam choradas pelos verdadeiros culpados de nossa decadencia, e não por mim que só desejo o resurgimento d'esse torrão abençoado. Comquanto vivamos apenas do passado, como o disse uma notabilidade nossa, alegre-me sobremaneira a convicção de que o patriotismo ainda se não extinguiu de todos os corações portuguezes. O meu silencio, amigos e patricios, foi motivado pela minha transferencia da Trindade para a freguezia de Sant'Anna, desta ilha, onde fico ao vosso dispôr. Para evitar qualquer juizo menos verdadeiro, participo-vos que a transferencia foi feita a meu pedido e melhorando de situação, embora a minha primeira collocação não fôsse má. Apesar de pequena, esta ilha é de tal forma montanhosa e os caminhos tão pessimios, que não julgo descabido fazer-se testamento antes de se emprehender qualquer viagem.

Ainda assim, os desastres são

poucos, provavelmente porque o cuidado tem sido algum.

A minha bagagem intellectual, que, infelizmente, é de pequena monta, veio commigo em um bom cavallo, a outra veio pelo mar em uma canôa, tarde e mal, porque esta gente só trabalha quando precisa e quando o mar está como um lago. Mas, tudo isto encanta e distrae á falta d'outros passatempos. Pelo menos assim succede commigo. A igreja e a escola são os meus theatros e os meus recreios. Não ha outros, nem outros pretendo. A igreja está situada perto da praia, e a casa parochial um pouco mais retirada. A população d'esta freguezia é de seis mil almas pouco mais ou menos. Eu sou o parcho e o unico padre que n'ella reside. Para as festas convidam-se os parochos visinhos. No primeiro de Agosto proximo, dia de Sant'Anna, ha aqui uma festa que é a melhor da ilha.

Dura trez dias, e ha nada menos de seis batiques que durante a noite não deixam dormir ninguém. O povo em geral é bom. Todos, grandes e pequenos, tem muito prazer em cumprimentar o padre de Dessu «o padre de Deus».

Muitos cumprimentam em portuguez, outros na sua lingua, sendo uma das formas mais usadas a seguinte:—Sum padre de Dessu, bom dizia, cá boa? Senhor padre de Deus, bom dia, está bem?

A estes respondo-lhe: Jôchi, sim, estou bem; ou então;—Achi, achí, nimom de Dessu. Assim, assim nas mãos de Deus. Os pequenos, após esta minha, resposta perguntam-me de novo:—Quá dá mum? Não me dá nada? A estes digo-lhes:—Quá bóbli cá? O que pôde dar um pobre? Mas, sempre lhes vou dando um vintensito, o que para elles constitue uma verdadeira festa.

Mas, não se vê um pôbre de porta em porta a pedir:

O pedir para esta gente é uma coisa desconhecida. Neste ponto o preto dá-nos uma boa lição, porque, como ahi é frequente, nem só pede quem precisa, mas para muitos o pedir constitue um modo de vida quando não querem trabalhar. Para esses não deve haver caridade, porque num caso destes a caridade deixa de ser a mais sublime das virtudes e torna-se um auxiliar do vicio.

Até ao vapor seguinte. A quem interessar participo que a minha saude é boa.

P. Brandão

Pérolas ocultas

*Eu distingo na forma a oculta graça,
no lábio mudo o frêmito do amor;
para mim a crisálida esvoaça,
o gomo é árvore e o botão é flôr.*

*Sei que ha em tudo vida interiôr,
que ha fontes vivas numa rocha escassa,
que a treva vai fundir-se no esplendor
e o riso já ezulta na desgraça.*

*Assim, eu, através da ganga escura,
virjem de todo o olhar,
fitei o diamante que fulgura;*

*e, em certas conchas que ha sepultas
no túmulo do mar,
vi o raiar das pérolas ocultas.*

NOTICIARIO

TEMPO E PESCA

Melhorou, emfim, o tempo.

Desappareceram as fortes nortadas, que tanto nos importunavam, e que tão grandes males vinham fazendo á agricultura, de maneira que o celebre astrologo Sfeijon acertou com as suas previsões.

Mas, não vamos nós deitar foguetes, para amanhã ou depois voltarmos ao tempo fraco.

Oxalá, que com a melhoria do tempo, venha também, a da pesca, que esta é industria mais desgraçada d'esta terra.

ANNOS

Fazem annos:

A'manhã, o Sr. José Simões Cravo de Lima e, no dia 21, o sr. José Placido d'Oliveira Ramos, importante negociante de ouro e joias... finas.

A ambos os nossos parabens.

VISITA OFFICIAL

Esteve, n'esta villa, em inspecção aos serviços da Fazenda e recebedoria, o Sr. José Maria Lino Ferraz Brado, 2.º official da Inspeção Geral do Thesouro, tendo-se retirado, segundo somos informados, bem impressionado

com a boa ordem em que encontrou esses serviços e recomendando o proseguimento activo e immediato contra os devedores á Fazenda Nacional.

Acautelem-se, pois, todos aquellos que não estão em dia com a Fazenda, afim de evitarem o rigor das execuções fiscaes.

«O LIBERAL»

Fazemos nossas as referencias, que faz o nosso illustre collega, «Progresso d'Aveiro», do nosso prezadissimo amigo o Sr. Alexandre d'Albuquerque, e que passamos a transcrever:

«Este nosso brilhante collega que sem contestação occupa na imprensa periodica do nosso paiz um logar dos mais distinctos, passou a ser dirigido pelo sr. dr. Alexandre d'Albuquerque, illustre deputado da nação, nosso correligionario dedicado e valioso.

Felicitemos o Liberal pela escolha que fez do seu novo director, e felicitamos o sr. dr. Alexandre d'Albuquerque pela distincção concedido aos seus grandes merecimentos. O sr. dr. Albuquerque é não só um orador fluente e incisivo, mas também um jornalista de pulso e valor, ousado, energico e ao mesmo tempo correcto e delicado.

Muito folgamos por vêr subir no conceito publico o nosso intelligente patricio que pelo seu tra-

FOLHETIM

O PECCININO

OU

O Bandido Nobre

POR

GEORGE SAND

O Peccinino voltou-se lentamente para Migue', atentou n'elle, como se não tivesse ainda dado pela sua presença, depois tira da cinta um estylete, ricamente ornado, e sorrindo quasi imperceptivelmente, apresenta-lho como para dizer-lhe: «Tendes idade e força para não precisardes de quem vos defenda».

Miguel ferido da situação em que seu tio o collocou, preparava-se para responder com vivacidade, quando Frei Angelo lhe cortou a palavra pousando-lhe a sua mão de ferro sobre a espadua.

—Cala-te, meu filho, não sabes do que se trata, aqui nada tens a dizer. Amigo, continua elle dirigindo-se ao aventureiro, se meu sobrinho não fosse um homem, e um siciliano, não t'ohaveria apresentado. Vou dizer-te o que esperamos de ti, a não ser que nos previnas que não queres ou não podes servir-nos.

—Padre Angelo, responde o bandido tomando-lhe as mãos e

levando-as aos labios, com ar acariciador e olhar affectuoso, que mudaram completamente a sua physionomia, seja qual fôr o pedido que me faças, nunca vou direi que não. Mas não se pode fazer tudo quantose deseja; é preciso portanto que eu saiba o que pretendes.

—Ha quem nos persiga...

—Comprehendo bem.

—Não queremos mata-lo.

—Fazeis mal.

—Matando-o, perdemos-nos, desterrando-o, salvar-nos-hemos.

—E' preciso então, rapta-lo?

—E', mas não sabemos como.

—Não sabeis, vós, padre Angelo! diz o Peccinino em ar de graça.

—Tel-o-ia sabido n'outro tempo—tinha amigose refugios. Agora sou frade.

—Fazeis mal, repetiu o Peccinino com a mesma fleuma.

Tenho de roubar um homem! E' muito gordo, pesado?

—E' muito leve, responde o frade, que não deixou de comprehender esta metaphora, e ninguém daria um ducado pela sua pelle.

—Então, adeus, padre! eu não quero arrebatá-lo e mettel-o no bolso como se fosse um lenço.

Necessito d'homens, e os d'agora não são como os do vosso tempo, não prestam.

—Não me comprehendeste; tu mesmo taxaras o salario da tua gente, e será pago.

—E vós é que respondeis por isso, meu padre?

—Eu mesmo,

—E mais ninguém?

—Só eu. E quanto ao que te diz respeito, se o negocio não fosse magnifico, não te escolheria.

—Pois bem, trataremos d'isso para a semana, diz o bandido, para se inteirar mais acerca do producto do negocio.

—Então, acabemos desde já com isto, responde o frade revoltado com a desconfiança, ou já, ou nunca.

—Já? E quando hei-de reunir a minha gente, decidil-a e dar-lhe instrucções?

—Amanhã de manhã, e de tarde estará no seu posto.

—Vejo que a pressa não é muita, porque me farieis partir esta noite mesmo. Se podeis esperar até amanhã, também ponderieis esperar quinze dias.

—Não; pois conto levar-te já, mandar-te a uma quinta onde has-de fallar com uma pessoa interessada n'este caso, e até amanhã á tarde não cuidarás senão de visitar a circumvisinhança, de conheceres todos os atalhos, de assestar as tuasbaterias, avisar os teus companheiros, distribuil-os e estabelecer correspondencias no lugar. Não é muito! Tens tempo demais! Teu pae na tua idade, fazia tudo isto em menos de metade de tempo.

Miguel viu que o frade tinha, emfim, tocado na corda sensivel, porque ao dar-lhe o nome de filho de Castro Real, que nem todos reconheciam por tal, ou não queriam reconhecer publicamente,

o Peccinino estremeceu, sentouse, e de repente pôz-se em pé, parecendo querer metter-se a caminho sem mais demora.

Mas, levando a mão immediatamente á perna, deixou-se outra vez cair sobre o sophá.

—E' impossivel, diz, soffro muito.

—Que ha? Estás ferido? E' ainda a bala do anno passado?

Antigamente andavamos com as balas no corpo; teu pae andou trinta leguas sem se lembrar de mandar extrair a que recebeu n'uma côxa em Leon-Forte; mas os rapazes d'agora precisam d'um anno para curarem uma contusão.

Miguel, julgou que seu tio se adeantava de mais, porque o Peccinino tornou a encostar-se com um movimnto de despeito concentrado; estendeu-se de costas, despedindo para o tecto bafuradas de fumo de cigarro, e esperou maleciosamente, que o bom padre se sabisse do embaraço de reatar a conversação.

Mas Frei-Angelo bem sabia que a idéa dos ducados movera o espirito positivo do joven bandido, e recomeçou sem a menor hesitação.

—Meu filho, dou-te meia hora, se te fôr absolutamente precisa; meia hora é já muito para o sangue que em tuas veias corre, depois do que havemos de partir todos tres.

—Quem é este mancebo? pergunta Peccinino, indigitando Miguel, sem disviar a cara e a vista, voltadas, para a parede.

(Continua)

Clara de Miranda.

balho, dedicação partidaria e doses de caracter e de intelligencia tem no partido progressista a estima e a consideração de todos.»

ANNIVERSARIO

Completo mais um anno de existencia o nosso prezado collega «Progresso da Feira», a quem damos os parabens, desejando-lhe longa vida.

PARTIDAS

Partiram, a semana finda, com destino á cidade do Pará, E. U. do Brazil, os nossos patricios e amigos, os snrs. José Maria Antunes da Silva, Augusto da Fonseca Soares e Antonio Mendes de Vasconcellos, a quem desejamos boa viagem e felicidades.

SENHORA DO CARMO

Realisa-se, conforme dissémos, no ultimo, numero, festividade N. S.ª do Carmo, na Capella da S.ª da Graça, no proximo domingo. O programma é o que já annunciamos, sendo pregadores, no sermão da manhã, o Rev.º Augusto Ramos dos Santos, abbade de S. Felix da Marinha, e, no da tarde, o Rev.º João Roque Ferreira, abbade de Fermentellos.

CHEGADAS

Regressaram a esta villa: o sr. Antonio Maria Gonçalves Santhiago, vindo do Pará; e o sr. José d'Oliveira Alla, vindo do Rio de Janeiro.

ACTOS

Fizeram acto, na Universidade de Coimbra, ficando approvados os nossos prezados amigos os Snrs. Anthero Araujo d'Oliveira Cardozo (5.ª cadeira, direito civil) e Antonio Baptista Zagallo dos Santos (19.ª cadeira, direito internacional).

No seminario do Porto, concluiu com feliz exito o curso theologico, o Snr. Homero Rodrigues da Silva.

E, na Academia Polytechnica do Porto, tambem fez acto de 7.ª cadeira, chimica mineral, ficando approvado, o snr. João E. Nunes da Silva.

A todos, as nossas sinceras felicitações.

RIFA

Tem logar no dia oito d'agosto proximo, a rifa d'uma salva de praia, cujo produto reverte em favor do cofre da futura misericordia d'esta villa.

A referida salva acha-se em exposição na tabacaria «Havaneza», ao Largo da Praça.

Dr. Arnaldo Fragateiro

Encontra-se entre nós, este nosso amigo, que acaba de ser promovido a Juiz de Direito e collocado na camara da Ilha das Flores e a quem cordealmente felicitamos.

Procuradoria geral

Acaba de se estabelecer, em Lisboa, uma empresa denominada «Procuradoria geral», que tem por fim estudar todos os assumptos que lhe sejam propostos e dar-lhe resolução ou resposta, tanto em assumptos que hajam de ser tratados nas repartições publicas, tribunaes, etc., etc., como mesmo particulares de procuradoria.

São seus advogados os srs. conselheiro Albano de Mello, director geral do ministerio da justiça, e conselheiro Marques Mano, director geral de instrucção primaria, dr. Caeiro da Matta, deputado da nação e José Arruella.

E' seu director-gerente o sr. Manuel d'Agro Ferreira.

Esta empresa encarrega-se de administrar bens em Lisboa, mandar publicar annuncios no *Diario do Governo* ou em qualquer jornal, tirar certidões, cobrar dividas, collocar capitaes, consultar advogados, legalisar documentos, pleitos judiciaes, etc., etc.

A sua séde é em Lisboa, rua do Ouro, 220-2.º

PRAIAS E THERMAS

—Comquanto sejam ainda poucas, já se encontram familias na praia do Furadouro.

—Partiram, para as Caldas do Molêdo, o Snr. João Ferreira Coelho, escrivão de Direito, d'esta comarca, e sua Ex.ª esposa.

—O meretissimo Juiz de Direito d'esta comarca, Snr. Dr. Ignacio Monteiro partiu para Vidago.

—E para S. Pedro do Sul, partiu o sr. Amadeu Soares Lopes, escrivão de direito, d'esta mesma comarca.

MOEDA INTERNACIONAL

Em Marrocos a moeda que tem maior ctreulação é o duro hespanhol.

A colonia franceza de Guadalupe usa para as suas transacções o duro hespanhol, o dollar americano e varias moedas inglezas.

Na Martinica, outra possessão franceza, ainda hoje correm as moedas com as effigies de Carlos X e de Luiz Philippe, que ha muitos annos foram expulsos de França.

Em Obock, possessão franceza do Mar Vermelho, a moeda que de preferencia circula é o thaler austriaco com a effigie de Maria The-reza, que se cunhou em 1780 e tem o valor de trez francos e meio a quatro francos e oitenta centimos.

No Indo-China usam-se os sapeques de bronze, o duro ou peso japonéz, mexicano e siamez, o dollar americano e as moedas inglezas.

Em Cambodge circulam, além das peças de 10 e 15 centimos francezas, os duros, as moedas indigenas, as barras de prata e o duong.

No Annam passam perfeitamente o sapeque de prata, o luong de prata e de ouro, e o sen e os sapeques de zinco.

No Tonkin têm por unidade monetaria a *ligature*, que é uma especie de rosario formado com sapeques de zinco enfiados.

Em toda a Asia Central circulam ainda os duros mexicanos, recordação de quando o Mexico, colonia hespanhola, levava para ali a prata das suas minas.

No Nahiti circulam as moedas do Peru, da Calombia e do Chile. Madagascar emprega a moeda de cinco francos de prata, mas estão prohibidas terminantemente as outras moedas fraccionarias.

Na costa oriental da Africa usa-se a moeda ingleza.

Em grande parte do Sudão continuam a circular como moeda legal entre os povos negros, as conchas de mariscos que se usavam antes dos europeus alli irem.

COMMUNICADO

Tributo de Gratidão

Tendo sido accommettida de grave enfermidade uma minha innocente filhinha, recorri ao intelligente saber e á bondosa dedicação do Ex.º Snr. Dr. Illydio Mon-

teiro (com consultorio de doencas de creanças na pharmacia Ferreira & Irmão).

Embora ferindo a modestia de que S. Ex.ª é dotado, eu não posso deixar de publicamente testemunhar ao illustre clinico que carinhosamente tratou de minha estremosa filhinha, envidando todos os esforços para salvar-a das garras da morte, a minha gratidão profunda pelos serviços relevantes que prestou a este pae amantissimo que lhe deve a vida da innocente creança.

E se é certo, pelas minhas crenças eu volver olhares agradecidos a Deus ao illustre clinico confesso jámais poder esquecer os esforços tenacissimos empregados por Sua Ex.ª no salvamento da vida da pobre martyr.

Assim, pois, receba S. Ex.ª este sincerissimo preito de gratidão e perdoe ao pae estremoso este desabafo que a alegria por tão grande victoria da Sciencia lhe suggeriu.

Ao meu socio Alberto José Gonçalves e sua esposa D. Maria A. Monteiro Gonçalves, padrinhos da innocentina «ressuscitada» que tantos cuidados consumiram com ella durante a sua enfermidade, patenteio aqui tambem o meu sincero reconhecimento, fazendo os mais vehementes votos para que nunca seja necessario retribuil-os por identicos motivos.

A todos um obrigado muito sincero d'um pae contentissimo. Porto, 8 de Julho de 1909.

Antonio Monteiro N. de Carvalho.

ARREMATACÃO

(2.ª PUBLICAÇÃO)

No dia 1.º de agosto proximo pelas 10 horas da manhã, á porta do Tribunal Judicial d'esta comarca, sito na Graça, d'esta villa, e no inventario de menores a que se procede por fallecimento de Anna da Costa, viuva, moradora que foi no Monte de Arada, volta pela segunda vez á praça e pelo valor de 450\$000 reis, uma propriedade de casas terreas com cortinha de terra lavradia pegada e mais pertencas de natureza allodial, sita n'aquelle logar e freguezia. As despezas da praça e toda a contribuição de registro ficam por conta do arrematante.

Para a praça são citados quaesquer credores incertos.

Ovar, 1 de Julho de 1909. Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito, Ignacio Monteiro

O Escrivão, Frederico Ernesto Camarinha Abragão.

Arrematacão

2.ª PUBLICAÇÃO

No dia 1.º de agosto proximo pelas 10 horas da manhã á porta do tribunal Judicial d'esta comarca, sito na Graça d'esta villa e no inventario de menores a que lhe procede por fallecimento de Antonio Rodrigues Pichel, morador que foi no logar de Mattosinhos de Esmoriz volta pela terceira vez á praça e pela quantia de 150\$000 uma morada de casas terreas horta e terra lavradia sita nos limites dos logares de Mattosinhos e Relva da mesma freguezia, de natureza de praso foreira a José Pinto Fernandes Romeira, dos Castanheiros, tambem de Esmoriz, com laudemio de quarenta um. Para a praça são citados quaesquer credores incertos. Os fructos pendentes do predio a arrematar serão colhidas pela cabeça de casal

Ovar, 5 de Julho de 1909. Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito, Ignacio Monteiro O Escrivão, Frederico Ernesto Camarinha Abragão.

Editos de 30 dias

2.ª PUBLICAÇÃO

Pelo Juizo de Direito da comarca de Ovar e cartorio de escrivão—Lopes—correm editos de trinta dias a contar da segunda e ultima publicação d'este annuncio, citando os legatarios—coherdeiros Antonio da Rocha Vieira Junior, Joaquim da Rocha Vieira, solteiros, maiores, e José Maria da Rocha Vieira, solteiro, menor pubere, maritimos, e todos ausentes em parte incerta da cidade de Lisboa, para assistirem a todos os termos, até final, do inventario orphanologico a que se procede por obito de Joaquina de Oliveira, casada, moradora que foi no logar da Ponte Nova, d'esta villa d'Ovar, e em que é cabeça de casal o viuvo João d'Oliveira Thomé, d'ahi, sob pena de revelia. Ovar 2 de julho de 1909.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito; Ignacio Monteiro O escrivão substituto; Amadeu Soares Lopes.

Editos

(1.ª PUBLICAÇÃO)

Pelo Juizo de direito da Comarca de Ovar e cartorio do Escrivão Frederico Abragão correm editos de dez dias, contados da segunda publicação de este annuncio no «Diario do Governo» citando os credores que pretenderem deduzir preferencias á quantia de 38\$864 reis existente na Caixa Geral dos depositos e penhorada do executado José Maria Ferreira Regalado, Casado, calafate, de S. João de Ovar, na execução por custas e sellos que lhe move o Ex.º doutor Delegado.

Ovar, 12 de Julho de 1909

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito 3.º substituto Delphim Lamy

O Escrivão Frederico Cruz Camarinha Abragão

AGRADECIMENTO

A commissão de senhoras promotora do sarau de 11 do corrente, vem por esta fórma agradecer a todas as pessoas que a auxiliaram directa ou indirectamente na realização d'essa festa e especialmente aos ex.ºs snrs Antonio Augusto d'Abreu, Antonio Gaioso, João Coelho e ex.ºs familias, aos ex.ºs snrs. Carlos Mendes, d'Aveiro, Dias Simões, Carminho Lamy e filho, Joaquim Pinheiro, Luiz Lima, Alves Cerqueira e demais membros da tuna a sua valiosissima collaboração.

Bem assim agradecem á ex.ª Direcção dos Bombeiros Voluntarios a cedencia gratuita do theatro e aos ex.ºs snrs. Ferreira da Silva, Dr. João Lopes e aos que obsequiosamente se encarregaram da fiscalização de bilhetes, os relevantes serviços prestados.

Ovar, 13 de julho de 1909.

A Presidente Julia Chaves

BARBEARIA TAVARES

Largo da Praça—OVAR

Encontra-se á venda, n'esta casa, finissimo pó d'arroz, pós e pastas para dentes, elixires e aguas dentificas, o preciso «Reparador dos cabellos», excelente para combater a caspa, e magnificas perfumarias e sabonetes.

VENDA DE PREDIOS

EM

OVAR

Vendem-se duas moradas de casas, sitas na rua da Pôça e Viella do Mattos.

Um palheiro na costa do Furadouro junto da Fabrica de Conservas e quatro Pinhaes sitos nas Mattas do Brejo e Enxemil.

Tratar com

FRANCISCO LOPES

CADAVAL

(ou Manoel Gomes Laranjeira)

R. DA GRAÇA

Cazas

Vende-se um bom predio de cazas com armazem por baixo, vinha e arvores de fructa, e dois caminhos de pé e carro.

Quem pretender dirija-se a José Leite Brandão, da rua dos Maravalhas.

LIÇÕES

Lecciona-se francez e habilita-se para exame de instrucção primaria 1.º e 2.º grau, tanto em casa das alumnas como na Rua de S. Bartholomeu n.º 37.

Acceptam encomendas de flores artificiaes, e da-se lições das mesmas.

CASA

Vende-se uma, na rua das Ribas, d'esta villa, com quintal e poço, que foi do fallecido mestre d'obras Manoel Joaquim da Silva Valente.

Para tratar, com

Guilherme d'Oliveira Corrêa

Rua das Ribas

OVAR

Mercearia, Tintas, Ferragens e Miudezas

ARMAZEM DE

CEREAES E LEGUMES

DE

ABILIO JOSE' DA SILVA

CIMO DE VILLA

OVAR

N'este estabelecimento, o mais importante que se acha ao nascente da linha ferrea, em Ovar, encontrará o publico o mais completo sortido que possa haver em casas n'este genero, por preços os mais rasoaveis do Mercado.

ADOBES

Bem fabricados e de boa massa. Terra propria para construcções solidas. Vende a preços convidativos.

FRANCISCO CORRÊA DIAS

Rua do Loureiro

OVAR.

ADEGA DO LUZIO

Do estrudo a esta data
Que de folga tenho 'stado,
N'uma vida tão pacata,
Tão santinha, tão beata,
Que me sinto... *abeatado*...

Todavia, em *tempo santo*,
Não extranhe, pois, *voceucia*,
Que, mettido n'este *canto*,
Tenha só tratado tanto,
De *limpar a consciencia*...

E s'alguem quizer *limpal-a*,
Ficar limpo, bem limpinho,
Tão limpinho, que regala,
Deixem lá fallar quem falla,
—Do **Luzio** gastem vinho...

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco, gero-
pigas finas, aguardentes, azeite a preços convidativos.
Garante-se a pureza de todos os artigos
ANTONIO DA SILVA BRANDÃO JUNIOR

MERCEARIA PINHO & IRMÃO

— LARGO DA PRAÇA —

Os proprietarios d'este estabelecimento, na certeza de que sempre satisfizeram o melhor possível aos seus freguezes, no preço e qualidade dos seus generos e artigos, convidam o respeitavel publico a visitar o seu dito estabelecimento, onde encontrarão além de todos os generos de mercearia; um variado sortido de miudezas, artigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, artigos de latoaria, vinhos da Companhia e outras marcas, etc. etc.

Tabacos e phosphoros para revender

Deposito do Café Moido Especial

O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

DE

MONTEIRO & GONCALVES

RUA DOS MERCADORES, 171 — NÃO CONFUNDIR COM IMITAÇÕES

A UNICA NO GENERO QUE TRABALHA MAIS BARATA
NUMERO TELEPHONICO, 737

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos

PORTO.



O GABÃO ELEGANTE

DE
AVEIRO

É e ha de ser sempre o agasalho mais conveniente e elegante contra o Frio, Vento e Chuva e o mais commodo para viagem. E se quereis o verdadeiro só o encontrareis na ALFAIATERIA DA MODA

de ABEL GUEDES DE PINHO

ALFAIATE NATURAL DA CIDADE DE AVEIRO

DEPOSITO DE BYCICLETTE
RILEY

E outras marcas; todas as peças precisas para as mesmas. Con-
certam-se bycicletes

Preços sem compeencia



Machinas de Cos-
tura das bem conhe-
cidas e acreditadas
marca "Opel".

DEPOSITO DE CALÇADO

As machinas de costura da acreditada marca «OPEL» são, indubitavelmente, as unicas que poderão preenche todas as exigencias no freguez—leves de andamento, podem ser usadas por pessoas de qualquer idade; o seu ponto elegante torna estas machinas preferiveis a qualquer das outras marcas, sendo tambem de um encantador e maravilhoso efeito em todos os trabalhos em bordadura, razões porque estão sendo usadas, de preferencia nos grandes ateliers de modista e alfaiate das principaes terras estrangeiras. Não comprem, pois, machinas de costura, sem verem as da marca «OPEL». Dão-se todas as instruções e ensina-se o bordar gratuitamente.

Vendas a prestações de 500 réis semanaes.
Há á venda todos os accessorios, taes como: Oleo, vazelina para conservar os nickelados, agulhas para todas as marcas, etc., etc.

Concertam-se machinas de costura de todas as marcas e aceitam-se machinas velhas em troca das novas.

Preços muito reduzidos.

ABEL GUEDES DE PINHO

Largo da Praça n.º 46, 47 e 48 — OVAR

OFFICINA E ESTABELECIMENTO
DE CALÇADO

DE

VICTORINO TAVARES LISBOA

S. João da Madeira

(Oliveira d'Azemeis)

O proprietario d'esta officina,

vende, em todos os domingos, na praça da hortaliça, d'esta villa, calçado em todas as côres, para homem, senhora e creança; encarregando-se tambem de executar com esmerada perfeição e modicidade de preços, toda a encomenda de qualquer obra concernente á sua profissão.

— Sendo preciso, em qualquer dia da semana, fazer-se encomendas, o proprietario virá tambem a esta villa, a caza dos freguezes, que para isso o avizem pelo correio ou pessoalmente

MARCA REGISTRADA
PORTO
Rua Sá da Bandeira, 249

Fabrica de corôas

e flores artificiaes

Premiada com medalhas de ouro em todas as exposições a que tem concorrido

COROAS FUNEBRES

RAMOS para altar.
Grande sortido de plantas para adorno. Flôr de laranja, e todos os apresetos para flores.

DEPOSITOS NA PROVINCIA

COIMBRA — Manoel Carvalho
Largo do P. D. Carlos.

FIGUEIRA DA FOZ — José Neves Zuzarte
Praça de Cambes.

SANTAREM — Fonseca & Souza.

BRAGA — Pinheiro & C.ª